
FILOSOFIA CONTRA IDEOLOGIAS

Trabalho de Estágio para
o Forum de Ciência e Cul-
tura da Universidade Fe-
deral do Rio de Janeiro.

1973

Prof. Francisco Agenor Ribeiro da
Silva
da Faculdade de Direito da U.F.R.J.

I

PROLEGÔMENOS

1. Costuma dividir-se o Reino Animal em duas espécies: a dos animais racionais e a dos irracionais . Acreditamos que tal divisão tradicional labora em grande erro, senão numa estulta pretensão do homem de ser o único animal portador da razão. Sustentamos que esta classificação não resiste à menor análise e muito menos a uma simples experiência demonstrativa de tal afirmação . Observamos a cada passo o comportamento dos mais diversos animais e vemos a coerência que, muitas vezes, preside aos seus modos de agir. Já o notável psicólogo Köhler fez magníficas experiências com vários animais nas Ilhas Canárias, quando da Primeira Grande Guerra, e pôde comprovar que aqueles animais testados reagiam racionalmente, conseguindo sair-se, geralmente, bem daquelas situações que ele adredemente preparava. Concluiu o analista que não havia um automatismo próprio de comportamento instintivo e, sim, variações conforme se apresentavam os quadros que iam sendo propositalmente modificados. Notou aquele psicólogo que, dentre os animais testados,aqueles que reagiam mais rápida e adequadamente eram os macacos e os que tinham menor capacidade reflexiva eram as galinhas. Ora, o que ele provocadamente demonstrou se observa, a cada passo, diariamente, entre os animais

que convivem conosco, sem falar nos elefantes, ursos, cavalos, cães de circo que trabalham admiravelmente; embora o leitor pudesse alegar, sem razão, que eles o fazem por serem amestrados e não por serem racionais.

2. Devemos, de logo, acrescentar que entre os seres humanos encontramos uma gama multifária de graus de racionalidade, desde o homem primitivo ao homem atual, desde o analfabeto atual ao gênio, aos grandes intelectuais. É melhor que se corrija o erro que é milenar, afirmando-se que os seres animais são racionais e que podem classificar-se em razão de suas possibilidades racionais. Dai se pode dizer que o ser humano tem-se revelado aquele que conseguiu atingir o mais alto grau de desenvolvimento de sua potencialidade racional. Mesmo assim, encontramos seres humanos de um primitivismo mental e de uma incapacidade de raciocinar adequadamente, que nos surpreende, muitas vezes; são incapazes de criar alguma coisa, de compreender o que de mais fácil se lhe explique e até sem a noção precisa de ordem, tempo e espaço.

3. Este introito tem sua oportunidade para dizer que o homem tanto mais vale, quanto maior for o seu grau de racionalidade, como ser capaz de criar para o seu próprio bem e para o bem da humanidade; de compreender e para ser compreendido, a fim de que possa conviver harmoniosamente com seus semelhantes, numa verdadeira

ra fraternidade, dominada pela solidariedade humana; de dirigir-se no sentido do bem e dirigir a todos na busca do bem comum; de saber usar a liberdade nos condicionamentos do agir para o seu e o bem de todos; de compreender que sem liberdade condicionada ao bem não é possível o homem ser livre, ser digno, ser bom e ser justo. Platão já afirmava que para ser justo é necessário ser bom. Ser justo é a mais alta virtude, pois ela decorre necessariamente de todas as outras virtudes que exornam a pessoa humana.

II

IDÉIAS CONTRA IDEIAS

4. A idéia é uma centelha divina que se des prende das profundezas impenetráveis do ser humano e se faz luz para irradiar sua lucilação, a princípio, e, se boa, ganhar força e poder de iluminar a trilha por onde hão de percorrer os seus seguidores. Geralmente as idéias nascem boas; todavia sua sorte, muitas vezes, depende de quem delas se assengoreia. Tais como os dados científicos, postos a serviço do bem, são ótimas, postas a serviço do mal, são péssimas. Quase sempre o mal não está nas idéias nem nos dados científicos e, sim, em quem os manipula. As idéias, nas mãos dos filósofos, são boas, senão ótimas; postas nas mãos dos ideólogos, quase sempre se tornam instrumentos de suas desenfrea-

das ambições políticas cuja finalidade reside na conquista do poder pra exercer o comando da coisa pública a seu serviço e dos que os cortejam e aplaudem. Os dados científicos, nas mãos dos cientistas são bons e ótimos ; são criados e dirigidos para o bem da Humanidade; entretanto estes mesmos dados, nas mãos dos políticos ideólogos podem ser transformados na pior contribuição cujos resultados podem acarretar a destruição da própria Humanidade.

Os filósofos e os cientistas são, em verdade, os grandes benfeiteiros da Humanidade. Não conhecem, porque não possuem o sentimento do mal, que é, por si só, o que há de mais inferior, mesmo violentando a gramática . Vivem para o bem, trabalham para o bem, porque só o bem constitui para eles a suprema finalidade da vida.

Buscam os filósofos a verdade porque só a verdade, como bem supremo, lhes interessa. Não importa onde esteja, se protege este e ofende aquele, nem se vem a seu favor ou se vem contra os seus interesses. Entremeltes , necessitam os filósofos da liberdade não apenas para pensar, senão, e principalmente, para manifestar seu pensamento.

Assim, os cientistas precisam não só dos meios indispensáveis à realização das tarefas científicas como também necessitam de liberdade para criar as ciências e pô-las a serviço do bem da Humanidade.

Os filósofos e cientistas que se submetem ao poder tirânico dos políticos ideólogos, quer por interesse

se quer por covardia, transformam-se nos maiores malfetores da Humanidade. No dia em que filósofos e cientistas se unirem num pacto de honra para jamais colocarem sua inteligência e sua cultura a serviço das ideologias políticas, e resolverem combater abertamente a sanha dos ideólogos, desmascarando-os perante a opinião pública, dai por diante a História do Mundo mudará o seu ~~nimo~~ e a Humanidade trilhará o seu caminho em busca da paz e da felicidade.

Dizia o Almirante Tamandaré que "só haverá paz no dia em que todos os povos se confraternizarem, queimando os últimos arsenais" e eu direi que isto só acontecerá, quando filósofos e cientistas se unirem contra os políticos ideólogos.

As ideias boas, nas mãos dos filósofos, livres das influências e domínio dos políticos ideólogos, tornam-se ótimas por serem dirigidas para o bem de todos, ao passo que, postas nas mãos dos políticos-ideólogos, a serviço de suas ambições desmedidas, ancilas de seu egoísmo desvairado, tornam-se más, geradoras das piores misérias.

Em igual situação se encontram os dados científicos; os cientistas livres põem as ciências sempre a serviço do bem da Humanidade, da cura, da saúde, do vigor físico e mental.

O político-ideólogo põe as ciências a serviço de seus planos de domínio, mesmo que tenha que usá-las para destruição da própria humanidade.

FILOSOFIA CONTRA IDEOLOGIAS

Não há como se possa confundir Filosofia com Ideologia. Em cada uma delas os agentes se comportam em posições diametralmente opostas e opositos são iniludivelmente os comportamentos das ideias. As ideias são forças, já dizia Fouillée. São forças da evolução e sem elas a História não teria caminhado; a Humanidade se encontraria no seu estágio primitivíssimo. Mas as ideias precisam de condições para que elas nasçam, cresçam, tomem seu rumo certo e atinjam o seu supremo desiderato, que é a perfeição de tudo, como bem supremo, razão de ser da obra da criação.

Acontece, porém, que os homens dominados por suas ambições de mando, escravizados por seu egoísmo desmedido, ao invés de propiciarem aquelas condições necessárias ao florescer das ideias, procuram subjugá-las e submetê-las aos seus caprichos, conveniências e interesses. Tornam-se verdugos das ideias e assassinos dos grandes pensamentos arquitetados para o bem de todos.

Na filosofia o filósofo é um homem livre, desambicioso, sem partidarismo; trabalha com as ideias em campo aberto, dando-lhes liberdade ampla; controla seu pensamento sem a preocupação de atingir este ou aquele objetivo, pois a ele ~~não~~ interessa chegar a este ou aquele ponto, visto que só uma coisa o preocupa, é revelar a verdade, esteja onde estiver. O filósofo não se detém no efêmero; busca o eterno. O filósofo sabe, de sã consci-

ência, que só a verdade é eterna e por isso essa se torna a sua única preocupação. O filósofo labora campo fértil, semeia na planicie e deixa que sua sementeira prolixe, cresça e se agigante, para que a sua semeadura venha abastecer de pão do espirito todo um imenso contingente de seres humanos sedentos de saber.

O filósofo não engana ninguém, por não ser sectário. Seu pensamento não é condicionado, senão à verdade. É indigno de ser chamado filósofo aquele que trabalhar com seu pensamento ^{condicionado} a este ou aquele interesse, que não seja exclusivamente o de descobrir a verdade na sua nudez completa, como dizia Eça de Queirós. Se seu pensamento, razão, raciocínio, consciência agem presos a outros interesses que não sejam o da verdade, não de ser chamados ideólogos e jamais precisamente filósofos.

O ideólogo é um capcioso, insincero, indigno de merecer a confiança nas suas afirmações, pois sempre doutrina no sentido de seus interesses, geralmente inconfessáveis, ou no interesse de sua ideologia em que se encontra servilmente engajado. As ideias em suas mãos são trabalhadas para servir àquele fim preestabelecido dentro daquela estrutura fechada, hermética, indestrutível.

Nas ideologias as ideias não seguem livremente o seu caminho, por isso, não atingem o seu destino, razão por que são efêmeras e indesejáveis, a não ser por seus partidários. Enquanto o filósofo é um pensador livre, o ideólogo é um pensador escravo, se é que se pode

chamar de pensador aquele que ~~se~~, em verdade, um simples carreador de idéias subjugadas e escravizadas para servir incondicionalmente a um sistema político que se apresenta como camisa de força das idéias.

O ideólogo não se preocupa com a verdade, pois esta atrapalha suas intenções e seus interesses. Preocupa-se com os objetivos a atingir e por isso toma as idéias, amordaça-as, manieta-as, arrasta-as pelos flancos da montanha em cujo topo deseja desfraldar a bandeira de sua ideologia, para que de lá seja vista por todos para dizer que triunfou, e para mandar seu corneteiro tocar, em estridente, o seu clarim, anunciando a alvorada de um novo dia aos incautos ouvintes. As idéias incorporadas naquela camisa de força de um sistema político totalitário perdem, em grande parte, a sua vitalidade; tornam-se impermeáveis, sofrem a impossibilidade da diapedese semântica, esclerossam-se e vão morrendo de opressão e de inanição. Vão pouco apouco sendo substituídas por outras criadas segundo os moldes e interesses daquele sistema. A supressão da liberdade impede que idéias outras nasçam, cresçam e se propaguem, porque só um tipo de idéias é propagado e trombeteado, aquele tipo encomendado, prefabricado de acordo com aquela nova ordem criada para servir agora a uma classe dominante que se assenhoreou do poder, tiranicamente.

O povo fica proibido de pensar, de congregarse, reunir-se, discutir, debater, trocar as idéias velhas, esclaroscidas, pelas idéias novas vivificantes. A

propaganda única, exclusivista e oficial se encarrega de vio-lentar todas as consciências. A mocidade se cria já naquela doutrinação; não conhece a liberdade e por isso não sabe dar-lhe o seu extraordinário valor e, destarte, se conforma com o regime de opressão por não ter conhecido outro melhor. Só ama verdadeiramente aquele que conhece o ser amado. Só dão valor à liberdade aqueles que já a tiveram e perderam. "Só se dá valor à água quando o poço seca".

Por tudo o que foi dito e por muito mais que a estreiteza deste mesurado trabalho não comporta é que sou intransigentemente opositor de todas as ideologias. Elas nascem dos desvios intencionais deste ou daquele ramo da filosofia, feitos pelos ideólogos que, nos seus condicionamentos, procuram arquitetar sistemas antifilosóficos para se celebrizarem ou se enquistarem no poder.

É do conhecimento de todos os estudiosos os desvios intencionais do sistema filosófico de Hegel cuja concepção era, através da competição das ideias, na dialética tese, antítese e síntese, atingir o grau absoluto de perfeição do ser humano, da sociedade e do Estado, meio de obter o supremo bem - o Bem Comum.

Entretanto, vemos que Ludwig Feuerbach, Karl Marx, Engel e Lenin procuraram desviar o sistema dialético de Hegel para criarem o sistema dialético marxista-leninista. Enquanto Hegel via as ideias boas superando as ideias ruins; as ideias ótimas superando as ideias boas, as ideias novas

superando as ideias velhas, encarnando-se, como espirito universal em cada momento histórico em um Estado- Nação, os corifeus da ideologia marxista-leninista criaram um sistema dialético-ideológico em que a competição não se verifica entre as ideias livremente, senão no entrechoque de classes, baseado na reação da classe dominada contra a classe dominante. Para Hegel as ideias competiam livremente num processo eletivo-seletivo sempre com o triunfo daquelas melhores e mais condizentes com a marcha triunfal da evolução. Para ele o progresso da Humanidade era representado em cada momento pelo que ele chamou de Espírito Universal. As guerras só se verificam, quando não ^o permite que as ideias tenham seu curso livre.

O problema das ideologias merece um repasse, visto que a palavra vem sofrendo alterações semânticas através dos tempos. No seu sentido etimológico seria definido como sendo o estudo das ideias agrupadas segundo suas afinidades e conexões. Todavia esta posição tem sido desvirtuada, conforme as preferências e preconceitos dos ideólogos. Cumpre rastreá-la para ver os diversos rumos que tem tomado o termo, ao sabor dos objetivos dos tratadistas para servirem aos sistemas políticos que, de antemão, abraçaram. Tornaram-se sectaristas e, dai por diante, sob o impacto irrefreável de uma visão catatímica, não discernem mais com lucidez e independência mental; por isso vão colher condicionadamente apenas aque-

las ideias e aqueles argumentos que servem ao seu partidarismo escravizante. É profundamente condenável ao pensador que se reputa livre e, consequentemente, digno, engajar-se em qualquer ideologia, uma vez que lhe tira todas as possibilidades de pensar livremente em busca da verdade.

Vimos que as ideias para Hegel eram forças capazes de comandar a linha mestra da evolução, como se fosse o espírito universal encarnando em cada momento histórico num povo integrado, numa nação. Sê-lo-ia aí o climax, embora por toda parte as ideias continuassem trabalhando a serviço das transformações sociais, políticas, econômicas, jurídicas, artísticas, científicas, literárias, técnicas, religiosas etc. Com Hegel estamos diante, não de um sistema ideológico, senão de uma posição filosófica cujas ideias são livres de realizar seus superiores desideratos.

Pena é que já no século passado em Berlim e Bonn a doutrina hegeliana, consubstanciada na chamada Escola Hegeliana, tivesse sofrido os primeiros embates e a indesejável cisão em duas correntes deformadoras do gigantesco e fulgurante pensamento do mais notável pensador político e filosófico, criador da dialética como instrumento de compreensão da marcha dos acontecimentos e da própria evolu-

ção da Humanidade. Para Hegel a marcha das ideias através da tese, da antítese e da síntese chegaria inevitavelmente à perfeição do homem, do Estado e da própria Humanidade.

Em Berlim e Bonn a Escola Hegeliana se bifurcou numa corrente idealista que se preocupou sobretudo com a apologética religiosa cujo principal seguidor vai ser Friedrich Nietzsche, por muitos anos alienado e místico, que, no seu desvario, terminou criando o super-homem, identificado com o germânico. Por este caminho, alienado na absurda concepção do Conde de Gobineau, criador da pseudo-raça ariana, criou-se uma das mais condenáveis ideologias, a do Nazismo.

A outra corrente, originária da má e intencional interpretação da filosofia hegeliana, é a materialista, trabalhada por Ludwig Feuerbach e que serviu de caminho para a pregação do materialismo histórico ou dialético.

Alguns anos depois, quando a corrente materialista já se projetava com alguns adeptos, Karl Marx, estudando ora em Berlim, ora em Bonn, começou a considerar Feuerbach figura de segunda grandeza por ter conseguido libertar o Hegelianismo da escravidão das mistificações idealistas. Marx se engajava na corrente deformadora das ideias de Hegel e acompanhava nesta primeira fase Feuer-

bach para depois, residindo em Paris, voltar-se para o economicismo do chamado socialismo francês. Do materialismo dialético de Feuerbach e do economicismo francês, com algumas modificações introduzidas por Friedrich Engels e Lenin, nasceu o comunismo marxista-leninista como mais uma ideologia indesejável e condenável.

O Nazismo foi buscar em Hegel os fundamentos do Estado perfeito para contrapor à luta de classe tão pregada e defendida pelos comunistas como meio de enfraquecer e destruir os outros Estados a fim de obterem o domínio universal com uma só ideologia e um só Estado que seria depois desnecessário e relegado a uma simples peça de Museu. Em semelhante situação criou-se o Fascismo com a concepção de que o Estado devia ser uma espécie de "caudilho e diretor do sistema industrial". Enquanto o Comunismo pregava a luta de classe no Estado Capitalista, o Fascismo passou a pregar a maneira de conciliar os interesses classistas numa estrutura orgânica em que as forças criadoras se cristalizassem numa unidade chanada Estado Nacional. Lorel bascou na puríssima e magnífica concepção hegeliana aqueles dados que vão ser deturpados na estruturação de mais uma ideologia indesejável e condenável.

Na esteira dessas ideologias tem o mundo sofrido as piores consequências. Como ramos desgalhados dessas nefandas idiosincrasias políticas vemos o Franquismo na Espanha, o Salazarismo em Portugal, o Estado

Novo no Brasil, de 1937 a 1945, o Castrismo em Cuba, o Allendismo no Chile, o Aprismo no Peru e tantos outros querendo levantar a cabeça por este mundo a fora.

E o Liberalismo é uma ideologia? O Liberalismo não chega a ser uma ideologia, senão uma anomalia. Nele a liberdade é levada ao exagero, o que é um mal. É o que se passa no Economicismo, no Socialogismo, no Moralismo, no Pan-sexualismo, no Juridicismo, no Legalismo, no Capitalismo egoista, exclusivista. Em todos eles o erro está no exagero, na falta da justa medida ao comportamento. No Liberalismo, filho legítimo da Revolução Francesa, a liberdade foi deificada, elevada à categoria de fim, como razão suprema do comportamento humano. Tal exagero permitiu a hipertrofia do egoísmo e consequentemente do individualismo contrário ao Bem Comum. A liberdade não é fim, é condição do agir para o bem individual em consonância e harmonia com o bem coletivo. Não vale a liberdade para a prática do mal e muito menos para morrer de fome. A excelência da liberdade depende dos fins a que serve.

O grande jurista francês Lamnais já dizia:
"Entre o rico e o pobre, entre o forte e o fraco, a liberdade escraviza e é a Lei que liberta".

O Liberalismo está se autodestruindo, quando permite a liberdade sem condicionamento à ordem, à segurança, à tranquilidade, ao progresso e ao Bem Comum. Ur-

ge uma mudança de atitude, enquanto é tempo de salvar os interesses de todos, como em tão boa hora fizemos no Brasil.

E a Democracia é uma ideologia? De primeiro, vamos saber o que realmente se pode entender por uma verdadeira Democracia. A Democracia é uma palavra que serve a todos os paladares. Cumpre distinguir o que se deve entender realmente por uma perfeita Democracia.

Dizemos que a verdadeira Democracia é aquela que tem o Homem como epicentro de todas as indagações, preocupações e atenções para dar-lhe um desenvolvimento integral e bem-estar social e econômico pleno para livremente ter satisfação e alegria de viver. Nesta forma de estilo de vida social o Homem seja fim e o Estado seja meio cuja função precipua resida necessariamente na realização do Bem Comum. Fácil é reconhecer juridicamente uma verdadeira Democracia pela existência de dois Institutos do mais alto valor na defesa das indissociáveis prerrogativas da dignidade do ser humano. São eles o Habeas Corpus e o Mandado de Segurança; ambos se contrapõem à onipotência do Estado em favor da dignidade humana que deve ser preservada a todo custo. Onde o Estado é fim e o ser humano é meio, aqueles Institutos não existem. Haja vista no Nazismo, no Fascismo, no Comunismo, no Franquismo, no Salazarismo, no Castrismo, no EstadoNovo de 1937 e 1945 etc.

Não são democracias esses regimes, senão naque la conceituação violentamente deturpada e por coinci-

dência são todas ideologias que se criam para manter pela força as posições conquistadas pela violência.

A verdadeira Democracia não é senão uma filosofia de vida em que as idéias têm curso normal na realização dos anseios, aspirações e ideais da coletividade que livremente escolhe os tipos de comportamento^s e os cristaliza em norma de conduta política. Essas são ditadas pela consciência coletiva e por isto são livremente aceitas e respeitadas pelo grupo. Neste convívio harmônico cada um procura transigir e, às vezes, abdicar de certos interesses individuais e egoistas, em bem do povo inteiro, certo de que aquela transigência redundará num bem para o próprio renunciante.

Eis aí a grande diferença que há entre Democracia e Ideologias. Nas ideologias as idéias e os seres humanos não são livres, porque estão engajados numa camisa de força de um sistema político que, para se sustentar e permanecer, tem que submeter as idéias e as pessoas àquele rígido comportamento que não admite contraposição; não admite discussão nem crítica, porque se não enfraquece e se destrói. As ideologias vivem, a princípio, de slogans que termina se cristalizando em dogmas que não admitem polêmica. Por isso as ideologias como formas de regimes políticos são herméticas, totalitárias e sanguinárias.

Ao passo que a Democracia labora em campo aberto onde as idéias têm curso livre. Todavia, em face da conjuntura internacional, em face das ideologias agressivas e agressoras, urge que a Democracia tenha os seus meios de defesa contra aqueles inimigos indormitáveis que procuram solapá-la para implantar sua forma de governo. A Democracia, fundada no liberalismo, está fadada ao suicídio, pois permite sua autodestruição.

Na verdadeira Democracia cabe aos professores a indeclinável responsabilidade de conduzir a Juventude, de tal arte, que jamais queria no seu puro e sôlo idealismo, a serviço da Cultura, do Bem, da Verdade, da Pátria e da própria Humanidade. A mocidade sempre se constituiu no mais rico manancial de esperanças e de forças criadoras. Busca ensinamentos e procura liderança sincera e digna, que quer oriente no sentido da construção sólida do edifício grandioso de seus sonhos e de suas imensas aspirações. Exige dos mestres os bons propósitos e corresponde sempre com o apoio, solidariedade e afeição. Por isso o professor não deve ter partidarismos nem condicionamentos no trato das idéias.

Tal como o filósofo e o cientista, é o professor que tem o supremo dever moral de orientar e conduzir seus alunos pelo caminho ^{certo} à procura da verdade. Para assim agir é necessário que não tenha nenhum comprometi-

mento com qualquer ideologia ou sectarismo. Seu pensamento e suas ações não devem ser condicionados senão à verdade, porque só assim será digno da mais sublime missão, que é a de conduzir pela inteligência aqueles que são sedentos de saber. Agindo deste modo contará sempre o professor com a confiança, respeito, amizade e admiração de seus alunos. O que afirmou Kant, bem que devia ser aquilo que todo professor ~~deverasse~~ devia imitar: "Age sempre de maneira tal, que a tua linha de conduta se erija em conduta universal". O professor é um exemplo vivo de escultor de personalidades.

C O N C L U S Ã O

1. As idéias são as mais poderosas forças vivas das criações sociais.
2. As idéias, para atingirem suas supremas finalidades, a serviço do bem, devem ser livres e trabalhar em campo aberto, longe das injunções políticas.
3. As idéias, nos sistemas políticos ideológicos, têm um comportamento condicionado ao interesse dos partidos e a serviço dos ideólogos, e por isso perdem a sua força criadora, se amofinam, se gastam e se desgastam na voragem dos tempos.
4. As idéias, nas mãos dos artistas e cientistas, não comprometidos com partidos e ideologias, são for -

ças criadoras das grandes obras de arte e das extraordinárias conquistas das Ciências a serviço do bem da Humanidade.

5. As ideias, nas mãos dos ideólogos, são venenos mortíferos, capazes de contaminar uma coletividade inteira, obnubilando a visão do Mundo e das coisas que a cercam.
6. Os filósofos e cientistas que põem a filosofia e a ciência a serviço das ideologias e dos ideólogos, para a prática do mal, são os maiores corruptores e os grandes criminosos por co-autoria.
7. Os filósofos e cientistas, conscientes de seus supremos deveres para com a Humanidade, resistem a todas as tentações dos políticos ideólogos, com o risco de sua própria vida, e, destarte, serão sempre considerados os grandes benfeiteiros da Humanidade.
8. Só a Filosofia constitui o perfeito caminho que conduz ao Bem, à Verdade e a Deus, como valores eternos.

CURRICULUM VITAE

FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO *de* JANEIRO

Ano 1973

Inscrição nº 28

Estagiário: Prof. Francisco Agenor Ribeiro da Silva.

Representante da Faculdade de Direito da U. F. R. J.

Nascido em 26 de fevereiro de 1917, na Fazenda Angustura, Município de Sobral, Estado do Ceará.

Filho de Elídio Ribeiro da Silva e de Rosa Portela da Silva. Cursou três meses e quinze dias do primário, aos 11 anos na fazenda e cinco meses e quinze dias no Externato Luiz Filipe, em Sobral, aos 20 anos, tendo prestado exame de admissão no Colégio Castelo Branco em Fortaleza onde fez os 3 primeiros anos do curso secundário, tendo-se transferido para o Ginásio Farias Brito na mesma Capital.

Representou os estudantes cearenses no primeiro Congresso de Estudantes Secundários do Brasil, em Salvador, em 1943.

Iniciou-se no magistério primário em Fortaleza nos Colégios Nogueira, Sete de Setembro e Farias Brito e continuou no Rio de Janeiro nos Colégios Vera Cruz, Andrews, Mello e Souza, Brasileiro de Almeida, Brasileiro de São Cristovão, Ateneu Brasileiro, Hebreu Brasileiro, Cruzeiro (antiga Deutsch-Schuler), Carvalho de Mendonça, Estácio de Sá, Academia São Francisco, Franklin Delano Roosevelt, Escola de Líderes e Faculdade de Direito, ambas da Pontifícia Universidade Católica, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da U.F.R.J., Colégio Pedro II, Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas e Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Já ensinou Matemática, Geografia, História, Latim, Português, Francês, Direito Constitucional, Organização Política do Brasil, História das Instituições, Ciência Política.

Ensina atualmente Direito Civil, Direito Romano e História do Direito.

Fez os seguintes cursos: a) Direito pela PUC.; b) Filosofia em Geografia e História pela U.B.; c) Filosofia em Línguas Neolatinas pela U.E.G; d) Técnico de Imigração e Colonização do Itamarati, dado através do DASP.

Rio, 18 de junho de 1973.

Francisco Agenor Ribeiro da Silva